

“IDADE DA LOBA”: ENVELHECIMENTO ATIVO E EXPERIÊNCIAS DE MULHERES IDOSAS EM JOÃO PESSOA

Wilka Barbosa dos Santos

Universidade Federal da Paraíba
wilkabarbosa@hotmail.com

Resumo do artigo: O trabalho propõe realizar uma reflexão a respeito da influência do envelhecimento ativo na vida das idosas que participam de grupos de convivência e lazer, o intuito é compreender como ocorre a incorporação de novas formas de biopoder nessa fase da vida. O Brasil, durante anos, foi apresentado como um país jovem, contudo, as estatísticas demonstram uma queda significativa da taxa de fecundidade, contribuindo para o envelhecimento da população. Ao mesmo tempo em que essa população fica mais idosa, há a feminização da velhice, a qual está acompanhada de um novo perfil. A partir dessas mudanças sociais, podemos contar com um número crescente de programas voltados para todos os idosos, embora na prática o público seja mais feminino. Desta forma, falar de envelhecimento hoje é também falar de qualidade de vida. No entanto, devemos nos questionar até que ponto não está havendo mais uma homogeneização da velhice, limitando a forma de vivenciar a velhice apenas de forma ativa, isto é, constringendo o público idoso que não se encaixa nessa demanda. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de doutorado, a qual pretende pesquisar dois contextos diferentes: um seria o centro do idoso (uma Instituição tutelada pelo Estado da Paraíba) e o outro um programa de lazer que vem sendo apropriado pelos idosos. A proposta é demonstrar a pluralidade de experiências, controles, disciplinas, etc. Portanto, os primeiros levantamentos bibliográficos têm demonstrado que ser velho é ter uma vida ativa em diferentes setores, mas, não podemos dizer que a famigerada “conspiração do silêncio” acabou.

Palavras-chave: Envelhecimento Ativo, Experiência, Corpo, Mulheres.

Introdução

Embora o Brasil tenha sido apresentado, ao longo da sua história, como um país jovem, há um tempo as estatísticas indicam que essa suposta “juventude” não mais coincide com a estrutura etária da população do país. Em conformidade com as informações apresentadas pelo Censo de 2000 e 2010, a “pirâmide etária” da sociedade brasileira vem certificar uma queda significativa na taxa de fecundidade, a qual contribui para que o Brasil esteja em um importante processo de envelhecimento. Com as estimativas frente à faixa etária, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE demonstrou, ainda, que é possível perceber uma diferença na expectativa de vida de mulheres (77 anos) e homens (69 anos).

Diante desse quadro, podemos observar que está existindo, por um lado, um envelhecimento da população e, por outro lado, uma feminização da velhice. Esta feminização também está acompanhada de novos perfis das idosas: estamos falando de mulheres a partir de 60 anos¹ que

¹ Recorte etário estabelecido pela Organização Mundial de Saúde – OMS e pelo Estatuto do Idoso.

muito frequentemente também moram sozinhas, conformando um fenômeno que já foi definido pela demógrafa Berquó (1996) como (a polêmica) “pirâmide da solidão”.

Do ponto de vista das preocupações do Estado, as mudanças nas taxas de fecundidade e mortalidade têm sido traduzidas em modificações políticas na sociedade, visando projetos que incluíssem pessoas idosas em diferentes esferas da vida social. Ao fazer um levantamento em torno das políticas, projetos e programas do governo federal, Muller (2015) destaca algumas conquistas: Estatuto do Idoso (2003); Programa Brasil Alfabetização (2003); Programa Vida Saudável (2003); Política Nacional do Idoso (2009); Fundo Nacional do Idoso (2010); Combate à violência contra o idoso (2010); Compromisso Nacional com o Envelhecimento Ativo (2013); Delegacias Especializadas no Atendimento ao Idoso (2013); etc.

De acordo com o Instituto de Estudos em Saúde Suplementar (2013), a saúde de pessoas mais velhas foi o campo que mais sofreu transformações, pois junto ao avanço da medicina foram descobertas novas enfermidades características da idade avançada, como as de caráter crônico ou *longa duração* (FLEISCHER E FRANCH, 2015). De modo geral, “novas necessidades foram explicitadas pela pessoa idosa, como de autonomia, mobilidade, acesso a informações, serviços, segurança e saúde preventiva.” (MULLER, 2015, p.13).

Atualmente, discutir velhice está relacionado à concepção de envelhecer com qualidade de vida, associando a terceira idade ao cuidado com a saúde e o corpo. Perante esse cenário, uma das propostas de envelhecimento que ganha atenção social é o designado Envelhecimento Ativo - EA². Segundo a WHO (2005, p.15), o termo “ativo” surgiu nos anos 90 e se refere a uma participação contínua dos idosos nas “questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente à capacidade de estar fisicamente ativo”.

Além disso, podemos dizer que envelhecer ativamente seria uma maneira de aumentar a expectativa de vida, não a deixando apenas longa, mas, saudável. Esse pensamento se aproxima do discurso da Organização das Nações Unidas - ONU (2002, p.12), a qual define o EA como um “processo de otimização de oportunidades de saúde, participação e segurança, visando melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem”. Referente à saúde da pessoa idosa na sociedade brasileira, Muller (2015) argumenta que um dos marcos sociais foi a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (2006). Esta, por sua vez, considera que o grupo populacional é composto tanto por idosos independentes/ativos como não.

² O termo envelhecimento ativo será utilizado no texto por sua sigla EA.

Quando refletem a representação do EA na Europa, São José e Texeira (2014) destacam que sua abordagem nos discursos da política, saúde pública e do meio acadêmico se fez presente a partir da substituição do Estado-Providência para o Estado Social Ativo e da Cultura Anti-envelhecimento, favorecendo a vivência da velhice como uma etapa desafiadora. Para Vicent Caradec (apud São José e Teixeira, 2014), as pessoas na “grande idade” se encontram no dilema entre se desligarem do mundo e se manterem ligada a ele, assim, o EA passa a ser um conceito tratado como um meio de obter um envelhecimento saudável e produtivo, mantendo os idosos “ligados ao mundo”.

Dessa forma, podemos dizer que as transformações no âmbito social aconteceram *pari passu* com uma nova perspectiva do envelhecer, colaborando para que os idosos sejam considerados uma nova categoria sociocultural. Com isso, é relevante demonstrar que essa geração também será demarcada pelo desenvolvimento do cuidar de si (FOUCAULT, 2010), o qual pode ser entendido como um momento de preparação do corpo para a velhice (COUTO E MEYER, 2011). Diante desse cenário, Belo (2013) chama atenção para o apelo da mídia em relacionar velhice e boa idade, construindo um novo consenso em torno do envelhecimento, já que fortalecerá cada vez mais a imagem do “velho ativo”. Debert (1999), por sua vez, chamou a atenção à inextricável relação das mudanças nos modos de ver e de gestionar o envelhecimento com a abertura de novos mercados voltados às pessoas idosas com poder aquisitivo.

O EA para Alves (2003, p.05) não é “uma diluição das fronteiras etárias, uma indistinção entre juventude e velhice, mas, antes, uma pluralidade de julgamentos sobre o ser velho”. Nesse sentido, o EA se aproximaria de mais um estilo de vida que pode ser vivido na terceira idade. Entretanto, como afirmará Goldani (1999), por trás desse discurso é possível perceber uma imposição de comportamentos que homogeneíza uma geração. Em síntese, embora o EA possa ser visto como maior participação social das pessoas idosas, promovendo mudanças positivas do ponto de vista individual e coletivo, também podemos observá-lo como um discurso que cria constrangimentos, reforça desigualdades e estimula a responsabilização individual diante da própria condição de saúde e de vida (RIBEIRO, 2012). Nesse sentido, trata-se de um discurso produtor de ambiguidades passíveis de uma abordagem sociológica.

Apesar de se tratar de um discurso global, encampado por organismos internacionais com a OMS, as iniciativas em prol do EA possuem características e dinâmicas diferenciadas nos contextos específicos em que são postas em funcionamento. Por meio de um breve levantamento, foi possível mapear alguns programas que são desenvolvidos em João Pessoa respondendo a essa orientação:

Clube da Pessoa Idosa (Altiplano); Centro de Convivência do Idoso (Castelo Branco); Academia da Saúde (Geisel); Universidade da Terceira Idade (FESP); etc. Nesses programas é notório um número crescente de mulheres participantes, o que levanta alguns questionamentos: trata-se apenas de um reflexo do desequilíbrio demográfico e/ou existem questões de gênero que explicam essa presença diferencial?

Para Moraes (2011), o fato de encontrarmos mais mulheres nos programas advém delas reconhecerem no grupo uma “oportunidade de ter uma vida privada independente da família” (p.437), o que se relacionaria com o fato de terem, neste momento da vida, maiores possibilidades de autonomia e individuação (SOARES, 2013). Por outro lado, não são todas as idosas que se apropriam desses espaços, tendo algumas pesquisas chamado a atenção para o modo como os programas de EA podem terminar reproduzindo desigualdades de recursos e de oportunidade (RIBEIRO, 2012). Por fim, a maior presença feminina nos programas e projetos de EA pode ser lida numa chave distinta daquela de autonomia, como reflexo justamente de uma “docilidade”, socialmente construída, das mulheres, o que as torna objeto prioritário de programas e ações de caráter normativo.

Para abordar essas questões, e outras que surgirão no decorrer da pesquisa, e também com a intenção de enfrentar a dualidade existente na percepção do EA, proponho empreender uma abordagem a partir da sociologia do corpo. Entendo que, se trabalhamos com envelhecimento, é preciso levar o corpo a sério, o que significa entendê-lo não apenas como uma representação ou um lenço sobre o qual a sociedade se inscreve, mas como um lugar a partir do qual experimentamos o mundo, vivenciamos políticas e entramos em contato com outras pessoas. Dessa forma, o aspecto central do estudo é dar voz as idosas, analisando os usos dos corpos em espaços de convivência e lazer na sociedade moderna.

Metodologia

O estudo apresenta algumas etapas para ser realizado. A etapa inicial será composta por uma pesquisa exploratória para descobrir mais sobre o campo e as idosas, considerando uma maneira de facilitar a aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa e averiguar se correspondem ao propósito do estudo. A aproximação será norteadas pelos métodos de observação de campo e conversas informais. O segundo momento ocorrerá à pesquisa de campo nos grupos de convivência

e lazer, sendo importante selecionar os dias e horários que a pesquisadora estará presente em campo para o estudo ocorrer simultaneamente.

O primeiro campo ocorrerá no Centro de Convivência do Idoso - CCI é um serviço desenvolvido pela Secretaria de Estado e Desenvolvimento Humano – SEDH, com funcionalidade de segunda a sexta. Os integrantes desses grupos são idosos a partir de 60 anos, os quais realizam atividades com diferentes profissionais (educador social, educador físico, psicólogo, assistentes sociais, fisioterapeutas, etc.). E o segundo campo ocorrerá no Sabadinho Bom, um programa desenvolvido pela prefeitura de João Pessoa em parceria com a Fundação Cultural de João Pessoa – FUNJOPE. A programação ocorre todo sábado com apresentações de grupos de choro. Os participantes dessa programação são diversificados, predominando mais os idosos nos horários das 12h às 15h.

Cada campo tem sua estrutura. O primeiro é uma Instituição que podemos considerar tutelada que busca trabalhar com os idosos a partir de atividades verticais propostas por profissionais. Aqui o discurso de EA está muito presente, sendo um elemento norteador das ações destinadas as pessoas idosas. O segundo é um evento destinado para o conjunto da população pessoense, mas que tem sido apropriado por pessoas idosas para seu lazer. Nesse caso, não há uma alusão ao EA, muito menos a uma tutela ou direcionamento das ações das pessoas. A escolha pelos campos não está relacionado com a busca de uma complementaridade das atividades, mas como uma oportunidade de demonstrar diferentes atitudes, autonomia, disciplinamentos, controles, que se fazem presentes nessa fase da vida.

De modo geral, as primeiras etapas configuram um período de “contaminação”. Após esse momento saberemos quem poderá participar do estudo. Sobre o critério da amostra, embora o Estatuto do Idoso (2003) e a OMS (2005) considerem idosos os indivíduos a partir de 60 anos, a pesquisa demarcará a amostra em campo, já que é interessante verificar como as velhices são estabelecidas nos espaços estudados.

Resultados e Discussão

O estudo se situa na Sociologia do corpo, no cruzamento entre geração e gênero. A pesquisa tem como foco de estudo o envelhecimento, embora seja uma temática bastante estudada, é importante ressaltar que os estudos sobre geração ainda tem focado mais na juventude (BRITTO

DA MOTTA, 2013). A existência dessa lacuna é um dos motivos que nos mostram que ainda há necessidade de pesquisar a velhice.

Manhein (1993), um dos percussores nos estudos de geração, argumenta que a geração pode ser vista como uma “modalidade”, representando o viver e o pensar dos sujeitos, não estando relacionada apenas a ordem cronológica. No pensamento de Corsten (apud BRITTO DA MOTTA E WELLER, 2010) a geração também pode ocupar uma posição social, formando grupos a partir da idade. Desse modo, a idade se torna um critério para as interações sociais na sociedade moderna (LANGENVIN, 1998). No que tange a concepção de gênero, Butler (1994) chama atenção para as identidades não fixas, podendo ser construída socialmente. Nessa perspectiva, Scott (1995) declara que o gênero tem como um de seus propósitos a oposição ao determinismo biológico, ocupando uma dimensão de poder.

O cruzamento entre gênero e geração nos ajuda na compreensão de que o processo de envelhecimento acarreta em novos papéis sociais, os quais serão percebidos pelos limites corporais. Para não perceber o envelhecer como um naufrágio (MARLRAUX apud LANGEVIN, 1998), a ONU - desde 1999 – buscou “requalificar” o significado do ser velho, desenvolvendo programas e projetos que discutem as possibilidades de envelhecer saudável. Determinado modelo acarretou numa pluralidade terminológica que também está associada à retórica economicista: produtivo, ativo e bem-sucedido. Contudo, Ribeiro (2012, p. 37) vê esse processo como constrangedor, pois acaba impondo perfis restritos do ser velho.

A ideia de envelhecer saudável repercuti em alguns estudos a respeito do cuidado de si na velhice. Couto e Meyer (2011), por exemplo, demonstram que a busca pelo envelhecimento saudável tem acarretado no aumento de idosos por medicamentos, terapias e exercícios como um meio de prolongar a juventude. Como o EA é uma temática que denota muitas reflexões, Ribeiro (2012) apresentará essa diversidade de pensamentos. Ao citar Marhánkóva, o autor mostra que alguns idosos estudados vêm o envelhecimento ativo como uma maneira legítima de afastar as limitações da terceira idade. Já ao citar Venn e Aber, demonstra que os idosos estudados percebem o envelhecer ativo como um marcador negativo da velhice.

Podemos perceber que o conceito governo de si (FOUCAULT, 2010) procura refletir a respeito das novas maneiras que os idosos buscam para se conhecer. Segundo o autor, o governo de si assume uma posição forte na sociedade moderna, pois lidamos com uma transição da sociedade da disciplina para a sociedade do controle, isto é, contribuindo para que o corpo não seja apenas controlado pelas as instituições, mas também pelos próprios indivíduos. Nessa perspectiva, Couto e

Meyer (2011) acreditam que o cuidado de si traz uma liberdade, pois está articulada à produção da velhice como um momento privilegiado que demanda preparação. Nesse sentido, o EA seria um modo de preparação para a velhice ativa, carregando consigo cobranças sociais a partir de uma vigilância dos corpos. (FOUCAULT, 2004).

Além disso, o cuidado de si pode ser visto como uma forma de “reinvenção da velhice” (DEBERT, 1996). Essa reinvenção dará luz à expressão “melhor idade”, percebida, por alguns, como uma maneira de camuflar a velhice (LENOIR, 1996). Numa perspectiva geral, o corpo manifesta não só um lugar de conformação como de confrontação social (FERREIRA, 2013), assim, torna-se um instrumento importante de interação social.

Para Le Breton (2011), o corpo nos ajuda na compreensão das relações sociais e na construção da identidade social. Ainda assim, o corpo foi uma temática esquecida pelas Ciências Sociais durante muito tempo, encontrando-o brevemente em alguns campos como o da saúde. Será nos anos 80 e 90 que o corpo deixa de ser visto como uma “sociologia em pontilhado” (LE BRETON apud FERREIRA, 2013) e passa a ser percebido como uma simbolização sócio-histórica (CERTEAU, 1982).

Assim, o corpo contribui na construção e na percepção de si, sendo nele que “a velhice se manifesta e a partir dele que as apropriações sociais iniciam” (SOUZA, 2011, p.3). Desse modo, o lugar do corpo pode estar relacionado diretamente com o exercício do poder simbólico, já que é um poder que ocorre por meio de categorias e regras socialmente construídas. Nessa perspectiva, Ferreira (2013, p. 505) percebe o corpo como um “*locus* privilegiado de expressão, reprodução e reforço dos padrões de relações sociais e das estruturas de poder.” Sendo o corpo o lugar de interação, apropriação e reapropriação (GIDDENS, 2002), ele está na base de toda experiência social e cultural. Para Csordas (2008), o corpo deve ser considerado o sujeito da cultura e não apenas um objeto a ser estudado, pois é nele que a percepção de mundo começa.

Segundo Goldenberg (2011, p. 83) o envelhecimento também trás consigo novos ideais de liberdade e felicidade, dentre eles está o que autora designa de “bela velhice”, a qual podemos entender como uma geração composta por indivíduos que não aceitam a antiga maneira de envelhecer. Para Beauvoir (2003), a velhice poderia se tornar bela quando saísse do imaginário corporal e se apropriassem de outros valores, como os projetos de vida.

Sobre a velhice feminina, Beauvoir (2003) argumenta que é uma temática importante porque chama atenção para um grupo que carregou consigo uma “conspiração do silêncio”. Essa conspiração ainda pode ser fazer presente na modernidade, mesmo que as idosas possam vivenciar

um encontro consigo e redescoberta do corpo a partir de programas sociais direcionados à faixa etária, não podemos afirmar que a o silêncio acabou.

De acordo com Daniel, Simões e Monteiro (2012), os homens e as mulheres – quando velhos – continuam assumindo papéis sociais, culturais que acarretam na vulnerabilidade das mulheres. Esse contexto poderia ser visto como um dos motivos da predominância das mulheres em grupos de apoios. Contudo, por outro lado, temos os programas sociais que possibilitam que as idosas se sintam mais independentes, mas, o nível de bem-estar é resultado das trajetórias de vida.

Conclusões

Essas reflexões nos direcionam para a temática da experiência. Segundo Bach (2010), a experiência é um conceito muito utilizado nos estudos feministas para compreender a trajetória das mulheres. Mas, este estudo parte do conceito de experiência em Dubet (1994), o qual se interessa pela “experiência social dos sujeitos através de suas práticas sociais”.

No que se refere à experiência a partir dos grupos de convivência e lazer, por exemplo, podemos perceber uma pluralidade do ato de envelhecer, considerando que ser ativo na velhice não é o mesmo que rejuvenescer fisicamente, mas sair do invisível social.

Em síntese, a sociologia do corpo se mostra atrelada a uma visão representacional que situa o corpo como metáfora da sociedade, esse contexto pode contribuir para que o corpo velho e feminino continue numa posição de invisibilidade e rejeição.

Referências Bibliográficas

ALVES, A. Mulheres, Corpo e Performance: A construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: **Tribo, Comunidade Virtual de Antropologia**, 2003.

BACH, A. M. **Las voces de la experiencia**: el viraje de la filosofía feminista. Buenos Aires, Editorial Biblos, 2010.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 5. ed. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

BELO, I. Velhice e mulher: Vulnerabilidades e conquistas. In: **Revistas Feminismos**, UFBA: PPGNEIM, 1(3): 1- 20 2013.

BERQUÓ, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: **Seminário Internacional sobre Envelhecimento Populacional: um a agenda para o fim do século**, Brasília, 1996.

BOURDIEU, P. et al. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Estatuto do Idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 – 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016.

BRITTO DA MOTTA, A. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: C.E. Peixoto (org.), **Família e Envelhecimento**, Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Envelhecer e sentimento do corpo. In: MINAYO, M.C. COIMBRA, JR. (Orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

BRITTO DA MOTTA, A. WELLEN, W. Apresentação: A atualidade do conceito de geração na pesquisa sociológica. In: Revista Sociedade e Estado, 25(2): 175-184, 2010.

BUTLER, J. Gender as Performance: An Interview with Judith Butler. In: **Radical Philosophy**, 67, Summer 1994.

CERTEAU, M. Histoires du corps. *Esprit*, 62, pp. 179-187, 1982.

COUTO, E. MEYER, D. Viver para ser velho? Cuidado de si, envelhecimento e juvenilização. In: **Revista FAGED**, Salvador, 2011.

CSORDAS, T. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DANIEL, F. SIMÕES, T. MONTEIRO, R. Representações sociais do envelhecer masculino e do envelhecer feminino. In: **ex æquo**, 2012.

DEBERT, G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. In: **ANPOCS**, São Paulo, 1996.

_____. Velhice e o curso de vida pós-moderno. In: **Revista USP**, São Paulo, 1999.

_____. **Mais 60: Estudos sobre envelhecimento**. São Paulo: Sesc, 2015.

DUBET, F. *Sociologie de l'expérience*. Paris: Seuil, 1994.

ESTEBAN, M.L. **Antropología del cuerpo**. Género, itinerarios corporales, identidad y cambio, Ediciones Bellaterra, Barcelona, 2004

FERREIRA, V. Resgates sociológicos do corpo: Esboço de um percurso conceptual. In: **Análise social**, 2013. ISSN: 2182-2999.

FLEISCHER, S. FRANCH, M. Uma dor que não passa. Aportes teórico-metodológicos para uma Antropologia das doenças compridas. In: **Política & Trabalho** (Online), v. 1, p. 13-28, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOLDANI, A. Mulheres e envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero. In: CAMARANO, Ana Amélia. **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

GOLDENBERG, M. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. In: **Contemporânea**. 9 (2): 77 a 85, 2011.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do Censo demográfico**. Rio de Janeiro, 2011.

Instituto de Estudos de Saúde Suplementar. **Envelhecimento populacional e os desafios para o sistema de saúde brasileiro**. São Paulo, 2013. ISBN: 978-85-66752-00-7

LANGEVIN, A. A construção social das idades: Mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. In: **Caderno CRH**, Salvador, 1998.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 5ªed. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2011.

LENOIR, R. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, P. et al. **Iniciação à prática sociológica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

LIMA, C. RIVEMALES, M. C. Corpo e envelhecimento. In: **Estudo Interdisciplinar**, Porto Alegre, 18(1): 153-166, 2013.

LINS DE BARROS, M. “Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice”. In: LINS DE BARROS (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política (3.ª ed.), Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MANHEIM, K. El problema de las generaciones. In: **REIS – Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, 1993.

MARLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, A. O corpo no tempo: Velhos e Envelhecimento. In: PRIORE, M; AMANTINO, M (Orgs.). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2011.

MULLER, N. (Org.) Guia de política, programas e projetos do Governo Federal. **Compromisso Nacional para o envelhecimento ativo**, Brasília: SDH, 2015.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Estratégia Internacional de Ação sobre o Envelhecimento**, 2002.

RIBEIRO, O. O envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição. In: **Sociologia** – Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 2012.

SÃO JOSÉ, J. TEXEIRA, A.R. Envelhecimento Ativo: Contributo para uma discussão crítica. In: **Análise Social**, 2014. ISSN: 2182-2999

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 1995.

SOARES, C. **Entre viver para si e viver para os outros: Envelhecimento feminino e individualização**. Tese de Doutorado em Sociologia, João Pessoa: UFPB, 2013.

SOUZA, N. O corpo em narrativa: O envelhecer feminino na contemporaneidade. In: **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – CNLAB**. Salvador, 2011.

VILHENA, J. NOVAES, J. O corpo e suas narrativas: Envelhecimento feminino e culto do corpo. In: **Psychologia**, 2009.

WHO. **Envelhecimento Ativo: Uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.